

# CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE ANGOLA E S. TOMÉ

CEAST

---



## *NOTA PASTORAL*

**Sobre o momento actual da Nação**

***“O QUE VIMOS E OUVIMOS”***

Aos Cristãos e a todos os homens e mulheres de boa vontade

De 2 a 9 do corrente mês de Março, realizámos, em N'Dalatando, a nossa Primeira Assembleia Geral Ordinária de 2016. E depois do que “vimos e ouvimos” (1Jo,1,1), não podíamos sair dela sem vos dirigir a presente mensagem. A isto nos obriga a consciência de sermos vossos pastores e membros desta grande Família Angolana.

### **I. O que vimos e ouvimos**

1. Nos últimos tempos, a pobreza das nossas populações tem-se agravado de maneira preocupante. A instabilidade económica parece que está a paralisar paulatinamente os agentes económicos, impossibilitando-lhes a renovação de mercadorias, por falta de poder aquisitivo (divisas). Aqui e acolá, tanto no sector público como no privado, registam-se atrasos de salários e subida vertiginosa de preços de bens elementares.

2. A crise económico-financeira em que o país se encontra mergulhado não se deve apenas à queda do preço do petróleo, mas igualmente à falta de ética, má gestão do erário público, corrupção generalizada, à mentalidade de compadrio, ao nepotismo, bem como à discriminação derivada da partidarização crescente da Função Pública, que sacrifica a competência e o mérito.

3. Aumenta assustadoramente o fosso entre os cada vez mais pobres e os poucos que se apoderam das riquezas nacionais, riquezas muitas vezes adquiridas de forma desonesta e fraudulenta. Assiste-se à falta de critério no uso dos fundos públicos, gastos exorbitantes, importação de coisas supérfluas que não aproveitam às populações.

4. Nos últimos tempos, e de forma dramática, aumentou o índice de mortalidade de crianças e adultos, vítimas de doenças como o paludismo, diarreia e febre amarela. Isto deve-se, principalmente, ao descuido da Saúde Pública e preventiva, falta de saneamento básico, falta de higiene pública e privada, falta de água, acumulação de lixo...

5. Assistimos a uma insensibilidade quase crónica perante o mal, a doença e a morte do próximo. Em muitos hospitais, isto traduz-se no desvio de medicamentos para farmácias ou unidades de saúde privadas e mercado paralelo, onde são vendidos a preços insuportáveis para a maioria da população. Em muitos hospitais, além da falta de medicamentos indispensáveis, os doentes não recebem alimentação. Muitas das nossas estradas tornaram-se intransitáveis, isolando populações e criando condições para o aumento de acidentes.

6. Preocupa-nos sobremaneira a seca e a fome no Sul de Angola, que se alastram por um largo tempo e continuam a fazer vítimas. Que continue o empenho de todos na mobilização de ajudas alimentares e haja, por parte de quem de direito, uma definição de políticas concretas, que ponham fim a estes males crónicos.

Preocupa-nos também a politização das ajudas humanitárias, porque, além de chocar as pessoas, enfraquece-lhes o sentido de solidariedade para com os irmãos em dificuldade.

7. Não menos preocupante é a partidarização dos meios de comunicação social que, por direito, devem estar ao serviço de todos. É igualmente grave a prevalência de espetáculos de conteúdo moral, científico e cultural duvidoso, banalizando a cultura das nossas populações angolanas.

8. Aumentou o clima de insegurança nas cidades e no campo: por tudo e por nada, assassinam-se friamente as pessoas, multiplicam-se as violações sexuais e os roubos e, muitas vezes, os crimes acabam impunes.

9. Muitos cidadãos perderam fé nas instituições públicas e estatais, encarando o futuro com pessimismo. Por exemplo, nos bancos, quem depositou divisas dificilmente as recebe quando necessita; a reclamação contra os direitos violados nem sempre é atendida com a rapidez que a situação reclama; o mesmo vale para os hospitais e centros de saúde, com carências humanas e físicas de toda a ordem. Também na escola há dificuldades, com a matrícula, frequentes vezes, a ser condicionada pela “*gasosa*”. Isto não favorece nem o amor pátrio nem a fraterna solidariedade, que deve marcar a nossa sociedade.

10. Deixa-nos perplexos verificar que análises lúcidas, críticas bem fundadas e construtivas, destinadas à construção do bem comum, sejam, muitas vezes, interpretadas como ataque às instituições de legítima governação e à ordem pública em geral.

## II. O que propomos

11. Que devemos fazer, irmãos, perante este quadro sombrio? Resignar-nos ao mal? Não! Juntos, temos de buscar uma porta de saída. É verdade que, nesta crise, as responsabilidades não são as mesmas para todos. Entretanto, o problema diz respeito a todos e todos devem ser escutados. Assim aprenderemos uns dos outros e acertaremos melhor na escolha de rumos a tomar. Ninguém pretenda possuir o monopólio da verdade, nem se iluda com soluções vindas de fora.

Obviamente, a situação reclama, antes de tudo, a conversão, uma autêntica mudança de mentalidade e de comportamentos. Isto vale para todos e cada um de nós, sem excepção.

12. Com o Papa Francisco, reiteramos a exortação a não perder a esperança na capacidade que os angolanos têm, com a graça de Deus, de superar o mal, não se rendendo à resignação nem à indiferença. Esta hora desperta-nos a consciência para agirmos solidariamente, perante as situações críticas, superando os interesses individualistas, a apatia e a indiferença. (cfr. Papa Francisco Mensagem para o Dia Mundial da Paz 2016)

13. Aos governantes e aos funcionários públicos, pedimos que façam a gestão da coisa pública com competência, sentido de justiça, transparência, honestidade, sentido de missão e compromisso com a Nação. Só assim estarão à altura de edificar adequadamente o bem comum. Jamais esqueçam que, além do respeito que todos lhes devemos, são servidores do povo.

14. Aos empresários angolanos exortamos a que invistam na sua terra, a fim de ajudarem a desenvolver o País e a combater, eficazmente, o desemprego galopante, que tão cruelmente atinge os nossos jovens, atirando-os facilmente para o desespero em relação a um futuro digno.

Cheios de confiança, pedimos-lhes igualmente que, nas parcerias com os financiadores externos, prestem atenção para não caírem na hipoteca das suas liberdades e dos valores que nos identificam como povo angolano. É aqui lugar para recordarmos que um salário justo educa para a responsabilidade e estimula o amor ao trabalho.

15. No que diz respeito à saúde, que se estabeleça maior colaboração a nível das instituições públicas e privadas, particularmente com as Forças de Defesa e Segurança, a fim de acelerar o combate eficaz das endemias, tais como o paludismo, a febre amarela, e outras. Para tanto, torna-se urgente o emprego profilático da fumigação, nas zonas sensíveis, tanto urbanas como suburbanas, eliminando charcos, a acumulação de lixo e outros focos incubadores de tais endemias.

16. Um apelo especial dirigimos aos médicos, enfermeiros, agentes de saúde, cristãos e outros, para que dediquem generosamente as suas energias e possibilidades ao serviço e à defesa da vida dos nossos concidadãos, especialmente aqueles a quem o mundo não presta a devida atenção. Disto também depende a sobrevivência e a segurança nacionais.

Neste ponto, o serviço voluntário sem busca de remuneração constitui o melhor testemunho de uma fé viva e não morta (cfr Tg 2,17). Seria desejável que, na medida do possível, os nossos médicos e outros agentes sanitários competentes dessem, gratuitamente, algumas horas do seu tempo para apoiar os doentes mais carenciados nas instituições e unidades sanitárias.

17. Aos sacerdotes e às comunidades religiosas recordamos, neste momento de crise, a necessidade de uma oração assídua mais intensa e uma caridade que não esqueça ninguém, particularmente os pobres e os indigentes de vária ordem. Não se contentem com sentir-se bem nas suas próprias comunidades, ignorando o pobre que pede auxílio nas várias situações da vida.

18. Exortamos as nossas paróquias a tornarem-se, cada vez mais, lugares de oração e de uma caridade que se veja nas obras, de maneira que ninguém seja condenado ao anonimato ou a sofrer sem que ninguém vá em seu auxílio. A primeira comunidade cristã é exemplo para nós e em todos os tempos. “Entre eles não havia ninguém necessitado” (cfr Act 4,34) porque partilhavam o que tinham.

19. Quanto a vós, queridos jovens, sabemos que muitos estais fora do sistema escolar e que outros tantos lutam com dificuldades de entrar numa Faculdade que lhes ofereça cursos para os quais são naturalmente dotados. Não vos resigneis à estagnação, mas enfrentai as dificuldades da vida com coragem e perseverança porque, nos planos de Deus, nunca se fecha uma porta sem que se abra um portão.

Resisti à tentação do álcool, drogas e uma sexualidade desordenada. Cair nestes vícios seria morrerdes antes da morte. Pelo contrário, empenhai-vos nas causas de Deus, do próximo e da Pátria, através de um serviço e de um voluntariado desinteressados. O Senhor jamais vos deixará sozinhos.

20. A terminar, os nossos olhos voltam-se para Deus. A Ele suplicamos confiadamente que lance sobre nós o Seu olhar de Pai misericordioso e Senhor da História.

À Virgem Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe, que, ao pé da Cruz, acreditou no triunfo da vida sobre a morte, pedimos que mantenha viva em nós a chama da esperança.

N'Dalatando, 9 de Março de 2016

**OS BISPOS CATÓLICOS DE ANGOLA E SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**